

PRODUÇÃO DE TEXTO: POESIA DE CORDEL – AS SETE MARAVIHAS DE SOLEDADE – PB

Autor: PEREIRA, José Tiago Marinho¹ - UEPB

Co-autor: MEDEIROS, Maria Aparecida Fernandes² - UEPB

Resumo:

Esse trabalho tem como objetivo expor sobre uma produção textual realizada por alunos de uma turma de 5^a/6^a série do ensino fundamental da modalidade EJA, evidenciando os lugares sociais e ideológicos dos alunos que se tornam presentes na escrita por eles tecida. Nossa inquietação sobre a escrita em sala de aula segue quando discutimos nesse artigo a forma de perceber a produção textual para além de mero gênero escolar e defendendo sua divulgação como texto. Nossa pesquisa de cunho qualitativo investigará as práticas de escrita em uma turma da Educação de Jovens Adultos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e EJA Padre Ibiapina no município de Soledade no estado da Paraíba, constituindo, portanto em um estudo de caso. Tendo em vista os objetivos traçados em nossa abordagem faz-se mister recorrer às fontes bibliográficas que discutem sobre a Educação de Jovens e Adultos, sobre Literatura de Cordel e sobre o letramento e a produção textual na escola. Como aporte teórico usamos CERTEAU (2003), GALVÃO (2001) e ABREU (1999), além de KLEIMAN (2005) e FREIRE (1996).

Palavras-Chave: Sala de aula. EJA. Escrita. Cordel. Gênero escolar.

¹ Historiador, Professor da rede pública Estadual e Mestrando do Programa de Formação de Professores da UEPB. tiago.cariri@hotmail.com

² Pedagoga, Mestranda do Programa de Formação de Professores da UEPB.

1. Introdução

Esse trabalho tem como objetivo mostrar as artes da escrita no contexto escolar, especificamente em uma turma da Educação de Jovens e Adultos da escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Ibiapina localizada na cidade de Soledade - PB. Uma produção textual que envolve os saberes de disciplinas diversas e que promove, como requer os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996) a interdisciplinaridade ou até mesmo como vem sendo sugerindo determinadas discussões acadêmicas, esta produção pode ser inserida em um trabalho transdisciplinar que envolve além dos saberes Históricos e historiográficos, perpassa por conhecimento como patrimônio cultural, leitura e letramento, gêneros textuais, literatura de cordel e produção textual.

Esse conciso artigo além de se propor a relatar o contexto da produção de um folheto por alunos de uma 6ª série da EJA, analisa também o “universo” e a bagagem cultural e o lugar social do sujeito/aluno que teceu a escrita, mostrando que determinadas marcas exteriores, contextuais da vida desses alunos/escritores ficam refletidas nas escritas, já que não se produz um texto sem deixar as marcas de uma temporalidade: “o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta sua produção segundo padrões de sua época.” (CANDIDO, 2000, p. 21), assim “escritor” discorre em nome de si mesmo, mas sua fala reflete os ideais do meio social no qual está inserido.

Mostraremos em nosso relato que a produção do folheto *As Sete Maravilhas de Soledade – PB* corresponde a uma tentativa de ensinar a aprender fazendo, indo de encontro com as idéias de Freire (2007), inclusive no sentido de que a aprendizagem parte do próprio universo cultural do aluno que percebe no gênero cordel um instrumento de certa maneira identitário e fazer com que o aluno se perceba enquanto arquiteto de sua própria prática cognoscitiva.

2. Relatos de uma prática: ler, entender e Produzir cordel na EJA

“Como criar situações em que esse texto circule como circulam os textos reais?” (SOUSA, p. 41, 2008).

Essa preocupação evidenciada por Sousa (2008) deveria ser uma inquietação mais freqüente por parte dos professores ao propor qualquer atividade de produção de texto em sala de aula, pois a prática da escrita como mera função de gênero escolar e, portanto como processo avaliativo, limita as possibilidades do aluno enquanto sujeito de sua própria escrita, encarcerando-o como reproduzidor de discursos ou “copista”. Essa inquietação sugerida por Sousa (2008) foi o fio condutor na realização da nossa proposta de produção de texto.

Nosso interesse em produzir versos de cordéis em uma turma de 5^a/6^a série do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos teve como objetivo principal fazer a “voz”, as idéias e os interesses de sujeitos muitas vezes obrigados a silenciar, serem ouvidas, percebidas, enfim serem lidas pelos mais diversos setores da sociedade local ou mesmo regional, com o intuito de expor a sensibilidade desses alunos em relação à importância, daquilo que conceituamos como Patrimônio Cultural, para a história da cidade e dos sujeitos que fazem parte dela.

Das 34 estrofes em estrutura de sextilha produzidas pelos 20 alunos, 29 estrofes foram selecionadas e publicadas em um cordel intitulado de *As Sete Maravilhas de Soledade*. Para a aquisição do texto final: um folheto de cordel, a turma demorou cinco meses para concluir a produção, iniciando no mês de abril de 2010 e concluindo no início de setembro do mesmo ano.

Para alcançarmos o resultado final dessa produção foi necessário ensinar, mostrar, ler, expor, discutir, pesquisar, estimular, orientar, exemplificar, escrever e por diversas vezes reler, repensar e reescrever. Para a realização desse trabalho a turma de 20 alunos foi dividida da seguinte maneira: seis grupos de três alunos e um grupo com dois alunos. Cada equipe ficando responsável em eleger e justificar a escolha de um monumento ou uma prática exercida na cidade que pudesse vir a ser considerado (a) um Patrimônio Cultural merecedor de ser protegido e preservado pela população local. Após as escolhas feitas, cada grupo (depois de algumas aulas de orientação sobre a estrutura do gênero cordel e sobre a postura de escritor que deveria ser tomada por cada aluno) ficou responsável pela produção de no mínimo três estrofes com seis versos de

sete sílabas poéticas e que as últimas sílabas do segundo, quarto e sexto verso possuísem rima, e assim caracterizar o gênero folheto.

Nessa prática exposta para a obtenção da produção da escrita, é visível a nossa apropriação do que os teóricos do texto como processo chamam de estágio inicial, pois antes de dar início a produção do texto foi exposto e discutido conteúdos de diversas áreas de saberes, considerados basilares, para possível produção textual, e interagindo esses conteúdos com as informações, conhecimentos e opiniões dos próprios alunos. Dessa forma partilhamos das idéias dos teóricos que tem o texto como processo, pois como defende Reinaldo (2002) não podemos entender o processo de escrever sem que o escritor tenha visão ampla do assunto, tanto de ordem cognitiva como de ordem social.

As orientações: instrução, idéias, exemplos e reflexão eram realizadas em sala de aula em duas horas/aulas de 45 minutos a cada quinze dias, os alunos-escritores reunidos em equipes podiam produzir seus textos em casa, favorecendo-os com mais tempo para discutirem as possibilidades da escrita de cada componente do grupo, para enfim entregarem as produções ao professor, e esse ver as possibilidades de mudanças e permanências, cuja correção abrangia não apenas a estrutura do gênero sugerido mais também fatores como coesão, coerência, ortografia e o uso formal da linguagem utilizada na produção, assim como as licenças poéticas e a proximidade que o gênero poderia ter com a própria linguagem informal.

Essas correções eram comentadas nas folhas/textos das equipes para que os integrantes pudessem rever e repensar suas escritas. As possíveis falhas, os não ditos, os conteúdos que poderiam ser privilegiados, o que deveria ficar implícito ou explícito também era exposto à turma para que todos pudessem perceber não só os “erros” mais também pudessem “enxergar outros horizontes”, assim como fazê-los perceber a importância de se saber para quem se estava escrevendo, ou seja, a que leitores o texto produzido por eles, alunos da EJA, seria direcionado, quais espaços essas escritas iriam circular, fazendo com que, dessa forma, os alunos percebessem que os discursos deveriam ser repensados ou ditos de forma que não expusesse e nem comprometesse a imagem do folheto e dos seus respectivos produtores e idealizadores.

Além do mais podemos perceber as possibilidades de interação entre o texto literário e o lugar social, ideológico ou cultural do seu escritor, expondo que tanto a escrita quanto a leitura não são práticas neutras, mas “atividades políticas, sociais,

construídas, constituídas e partilhadas por sujeitos” (BENEVIDES, 2008, p. 92), para isso basta-nos observar três estrofes produzidas e a partir delas extrair algumas possibilidades do perfil de seus escritores:

Seria prazeroso ver o cruzeiro
Limpo e com iluminação
Espaços pra conversar
Praça de passeio e alimentação
Ambiente de lazer
Lugar de música e animação

Pois amigo leitor
Mudanças se registraram
A TV que ali tinha
Passaram a mão levaram
E até as barraquinhas
Pra outro canto levaram.

Tem História e tem beleza
Peixes e água que não se acaba
Dar vida a muita gente
Na pesca de *tilapio* e piaba
Com capim na vazante
Engordam bois porcos e cabras

(As Sete Maravilhas de Soledade – PB).

Nessas estrofes, assim como nas demais produzidas conjuntamente pelos alunos da referida turma, há indícios dos lugares sociais, a ideologia, a posição política, do nível da pesquisa realizada, do conhecimento obtido pelos alunos para poderem compor a escrita. A condição de alunos jovens com interesses em atividades festivas, a

importância que a praça, por exemplo, tem para esses grupos de jovens como um espaço de sociabilidade e que é consumido por diversos atores sociais da cidade.

A posição política do sujeito que tece uma crítica a uma reforma realizada na praça pode ser percebida também através da leitura da segunda estrofe citada. Assim com a importância econômica que o açude José Américo de Almeida tem para alguns grupos sociais que tiram dele o sustento diário. Defendemos, portanto que a escrita revela o sujeito e as conjunturas sócio-históricas e ideológicas do sujeito que a produz e que o universo social e cultural do leitor pode implicar no entendimento do texto escrito, embora consideremos também que os leitores estejam em um lugar de atores sociais e culturais possíveis de tornar o texto polissêmico.

3. Considerações Finais

Percebe-se a partir dessa descrição, que o professor concebe na sua orientação de escrita de texto que o ato de escrever está situado em um processo de monitoração que envolve diversas revisões do texto, assim como a produção de textos é concebida como uma atividade recursiva, de avanços e recuos, na qual o aluno-escritor venha adquirir a habilidade de distanciar do texto, podendo avaliá-lo, deslocando-se como propõe Reinaldo (2002) do papel de escritor-autor para ocupar a tarefa de leitor.

Outra consideração que deve ser feita sobre a postura teórica utilizada pelo professor nesse trabalho é que ele “utiliza as falhas do redator aprendiz como oportunidades de compreender o percurso da aprendizagem” (REINALDO, 2002, p. 06), fazendo-nos perceber novamente que sua concepção de produção da escrita está inserida numa visão do texto como processo.

Outro fato que devemos observar da proposta de produção de texto do professor é que o gênero em evidência, o folheto de cordel, embora tenha uma estrutura a ser seguida, ela não limita as possibilidades de o aluno-escritor apenas reproduzir, seja através de uma narração ou descrição (tipos textuais também possíveis ao cordel) as ideologias apreendidas ou aprendidas pelos alunos, mas a esse sujeito escritor é dada a oportunidade, através desse gênero, de trazer suas opiniões, seus conhecimentos e suas

posições sobre o assunto que o texto deve evidenciar: a importância, o valor e as histórias dos espaços a serem considerados como patrimônio cultural da cidade de Soledade.

Todas as folhas manuscritas de produção dos grupos com correções, indagações e orientações foram entregues aos alunos, portanto, o único documento que nos restou foi o produto final já pronto (mas não acabado) e que foi impresso para ser divulgado no mês de setembro de 2010, o que implica dizer que não podemos mostrar empiricamente (mas apenas através desses relatos) como de fato foi desenvolvida todo o processo de produção dessa escrita.

Referências:

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas. Mercado de Letras: Associação Leitura do Brasil, 1999.

BENEVIDES, Araci Sobreira. **A leitura como prática dialógica**. In_ OLIVEIRA, Maria Bernadete de; ZOZZOLI, Rita Maria Diniz (Orgs). *Leitura, escrita e ensino*. Maceió. EDUFAL, 2008.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Quatro, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 4. ed. Petrópolis. Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 36 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Linguagem e Letramento em foco: é preciso ensinar o letramento?** Brasília. Ministério da Educação, 2005.

MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo. Cortez Editora, 2012.

REINALDO, Maria Augusta G. M. **Teorias de escrita: implicações para o ensino-aprendizagem de produção de texto**. UFCG, 2008.

SOUSA, Maria Ester Vieira. **A Produção de Texto: Entre o discurso e a prática**. In__ *Leitura, escrita e ensino*. EDUFAL. Maceió, 2008.